

“No Ar” e “Diurna”

Passagens na obra de Laura Vinci

O piso da nave central está totalmente forrado de mármore branco. As paredes são brancas e uma luz natural envolve o ambiente. A rampa de acesso ao “espaço do altar” da Capela do MAM se estende desde a porta principal de entrada e está totalmente coberta de placas também do mesmo mármore. Nos primeiros passos sobre esta superfície de suave inclinação, somos convidados a adentrar a obra de Laura Vinci. Suave é uma palavra que cai bem, neste caso, pois para apreciar o trabalho desta artista paulistana é preciso parar, retardar os movimentos do cotidiano, deixar-se capturar pelo olhar, por inteiro, se deparar com o vazio das formas e sutilmente se abrir para uma possível experiência. O corpo está para o espaço, que também é corpo.

Vencendo aos poucos a gravidade, num leve esforço para alcançar o fundo da capela, que se encontra num nível mais elevado, sentimos este impacto – o da desaceleração, do retardamento. Neste momento de trânsito, algo se mostra em relação a uma vivência temporal que vai sendo construída logo que damos os primeiros passos, e que nos aguarda misteriosamente no final da rampa de discreta inclinação.

“No Ar”, assim se apresenta para nós. Uma instalação que ocupa o corredor do meio da Capela. O branco do piso e paredes vai nos conduzindo à parte posterior da nave central, onde nos deparamos com uma estrutura oval em baixo relevo, cravada no chão, também feita de mármore. Das suas laterais, no espaçamento de tempo de 1 minuto, uma bruma de pequenas gotas de água é lançada no ar durante trinta segundos. Uma operação extremamente pautada na repetição. Uma repetição que passa a operar nossa percepção como provocações sensoriais anunciadas, de ritmos, pausas e movimentos, sons e silêncios. Aquela bruma toma conta do ambiente por alguns segundos, como um véu que cobre a rigidez do mármore, fazendo desaparecer a nitidez dos seus contornos, seus cantos e quinas. De imediato, o vapor retorna ao estado líquido, água, que se espalha pelo chão.

Deparamo-nos com um ciclo que se repete. Como bem lembra Rodrigo Naves: “Passagens, mudanças de estado da matéria, metamorfoses dos mais diversos elementos e transições se tornaram a marca distintiva do seu trabalho”. De fato, a experiência sensorial deste ciclo que se retroalimenta muito marcou o meu encontro com esta obra, revelando um instante de fluidez da matéria, processada em contínua transformação: água-vapor-água.

No entanto, diante de tanta suavidade, algo ainda afeta - a fluidez deste ciclo contrasta violentamente com a dureza e permanência do mármore. Estaríamos também diante de uma escultura? Laura Vinci tem seu caminho traçado na tridimensionalidade. Mesmo nas pinturas da década de 80, os seus traços já anunciavam uma fuga planejada para o exterior da tela, uma potência de volume concreto, ainda que contida no plano bidimensional. As pinturas

foram o começo das esculturas, que aos poucos construíram uma cumplicidade com o espaço.

Como apreender o sentido de tanta economia da matéria? Apenas água e mármore. A obra se movimenta, mas desafia a percepção do tempo, pois, como diz Alberto Tassinari “é uma poética do repouso”. Mais do que uma instalação, “No Ar” se entrelaça com a materialidade e memória daquela Capela, como um lugar dedicado historicamente à relação com o sagrado.

Esta relação com o sagrado também se concretiza em “Diurna” - obra que ocupa o corredor lateral direito do edifício e toda a sua parte superior. São pequenas frases, escafiadas nas paredes, que vão sendo apresentadas ao longo dos corredores, de forma fragmentada, aparentemente soltas. As letras estão em baixo relevo, cavadas com rigidez geométrica e com contornos bem definidos, sobre estreitas superfícies da parede branca. Estão contidas entre as aberturas das janelas. Novamente percebemos os indícios da escultura, que permeia o trabalho desta artista.

Logo na porta lateral da Capela, somos impulsionados a entrar, procurando com curiosidade pelo trabalho. O olho percorre chão, frente e finalmente se detém no plano vertical. Mais uma vez, Laura Vinci surpreende pela economia das formas, pela simplicidade arrebatadora com que dispõe seu pequeno texto pelo caminho, subindo as escadas e nas espessas paredes do piso superior.

Caminhar e ler concomitantemente são movimentos requisitados para a vivência da obra. As pequenas frases retêm a velocidade da experiência e aí, o tempo “se dissolve”. Para Laura, “a língua, a linguagem e a cultura também sofrem mudanças. O texto é algo em movimento”.

Neste caminho, a gente vai se transformando a cada passo. Caminhando, vamos descobrindo palavras que se conectam de forma inusitada e que falam da continuidade da própria transformação: TINGE AS PAREDES COMO AS ONDAS A AREIA / MOVE-SE LIQUIDA PELO LUGAR / PASSA AQUI / EM ÂNGULOS MAIS PROFUNDOS / ATÉ SE ENTREGAR / À PORTA DOS MISTÉRIOS / REPETE O MOVIMENTO / MESMO QUANDO/ EU NÃO ESTIVER / MAIS AQUI.

GIOVANA DANTAS
Janeiro/2013

OBS: As citações de Alberto Tassinari, Rodrigo Naves e Laura Vinci, foram retiradas de textos contidos no site da artista.